

Werneck

J. Roberto Whitaker Penteadó

Deu no jornal que o Colégio Carlos Werneck, de Petrópolis, onde estudei do 3º ano primário até o 3º científico está fechando suas portas, depois de 70 anos. Deu, também, que lá estudaram Pedro Malan, Jô Soares e Roberto Jefferson. Jô, não. Ele era do São José, um internato de padres que ocupava um dos casarões da Av. Koeler, e conheci-o, gordo como sempre, fazendo parte da turma da Porta do d'Ángelo, espaço estratégico de paquera, aonde se encontrava a turma da bossa nova, Vinicius inclusive.

Jefferson não foi meu contemporâneo. Doze anos mais novo, é filho do professor Roberto Francisco este, sim, meu professor e irmão de João Francisco, nosso professor de português e político contumaz, que se elegeu 2 vezes vereador, ainda dando aulas. Tenho lembranças dos meus 10 anos do Instituto Carlos A. Werneck (como se chamava) que ganham d'O Ateneu, de Raul Pompéia, e também do Cuore, de Amicis. As escolas secundárias de antanho tinham mais personalidade do que as universidades de hoje. Aprendi tudo o que sei com os professores daquela casa que, nos anos 50, ocupava um casarão que havia servido de assembléia legislativa da província, no século 19 quando Petrópolis era cidade imperial.

Havia duas outras duplas de irmãos: o dono da escola, Dr. Carlos Werneck figura impressionante, elegantíssima, de óculos RayBan, after-shave francês e charutos Havana, hipnotizava-nos com suas aulas de literatura, citando de memória Gregório de Matos e Machado de Assis tinha um irmão, José, cruelmente apelidado de Zé Macaco por se parecer com um personagem da revista Tico-Tico, que dava aulas de desenho e de ciências. Dois portugueses, Alberto e Carlos Rebolo, lecionavam geografia e matemática. O professor Stumpf era o temido chefe de disciplina e inigualável professor de história: sentado à mesa, fumando um cigarro após outro na piteira falava de egípcios, hebreus, gregos e romanos como se contasse histórias de fadas. Duas lindas mulheres ocupam minha lembrança: Geny Tepedino Sertã ensinava francês e Oliria Benvenuto, latim. Paulo Borges da Silva e Wolney Aguiar tentaram ensinar-me solfejo e canto orfeônico. Gerardo Câmara e Nestor Pimentel ensinaram-me a viver a vida boa e certa, fingindo que me davam aulas de história geral e de filosofia. José Carlos Bender e Waldir Lippi, inglês, melhor do que na Cultura Inglesa.

Deus, quanta gente boa: o Dr. Arthur Cruz Filho, com os mistérios da história natural; Mario Cunha, tirando geometria analítica de uma cartola imaginária; Maria Falabella, falando de química e petróleo; "mister" Germano Neurauter e seus truques. E os colegas: tenho na cabeça a fotografia da turma do 1º ginásial de 1952 e sou capaz de recitar todos os nomes e sobrenomes, um a um. Aos 11 anos de idade, a nossa memória é para sempre.

É provável que o colégio que encerrou atividades pouco tenha a ver com essas minhas doídas lembranças. Da mesma forma que os antigos liceu e ginásio se transformaram numa espécie de limbo entre o vazio do primário e a farsa da universidade.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=165&ID=363>>. Acesso em: 4 ago. 2009.